

## **Comentário Inicial do Apostolado Maria Santíssima e Modéstia\***

A filosofia nos ensina a existência de três potências diversas na alma humana: inteligência, vontade, sensibilidade.(1)

No homem a inteligência deve dirigir a vontade, e ambas devem, por sua vez esclarecer a sensibilidade, guiá-la, e ampará-la contra a fraqueza que lhe é própria. Pois, das faculdades humanas, todas nobres em si mesmas, mas todas atingidas pelo pecado original, aquela por onde mais freqüentemente começam as desordens, as crises, os desmandos, é precisamente a sensibilidade.(2)

Deus Nosso Senhor criou tanto as leis da natureza (da gravidade, da termodinâmica, da conservação, etc.) quanto as leis que regulam a vida humana. Dentre as leis humanas, Deus pôs nos homens a mútua atração entre homem e mulher, a fim de que se cumpra mais facilmente o seu desígnio de multiplicação da espécie (procriação).

Como dito acima, após o pecado original a sensibilidade do homem se desregrou, tentando dominar tanto a vontade quanto a inteligência. Por isto, quando o homem é exposto à uma situação que excita sua sensibilidade, como – por exemplo – ver uma pessoa despida, ele se vê fortemente inclinado a praticar atos contra a castidade.

Mas, como ele sabe – pela inteligência – que Deus só quer os atos sexuais dentro do matrimônio, tem o dever de dominar a sensibilidade, através da vontade (o seu querer).

Simplificando: se um homem entende que existe uma lei, criada por Deus, que o obriga a não pecar contra a castidade, ele deve fazer com que sua vontade se submeta a esta lei. Deste modo, mesmo que ele sinta no corpo estímulos que o atraíam a praticar atos impuros, ele se dominará (utilizando a vontade) por amor à verdade que sua inteligência discerniu.

Tendo isto em mente, torna-se claro o motivo pelo qual todos são obrigados a não se despir em frente a outras pessoas. Pois, fazendo isto, provoca a parte sensível do homem, que o incitará a pensar e desejar praticar atos que, em consciência, sabe que não tem o direito de fazer. E, ainda que esta pessoa consiga se controlar e não peque por causa da nudez alheia, a pessoa que se despiu é culpada de colocar o próximo em ocasião de pecado – geralmente grave, em se tratando de sexto mandamento.

Com estes esclarecimentos, passamos ao texto do Pe. Antonio Laburu, S.J.

\*\*\*

### **As Praias em Seu Aspecto Moral\***

**Por Pe. Laburu, S.J.**

Conferência pronunciada em San Sebastian e em Bilbao

**Advertência**

Diante do imenso crescimento da imoralidade nas praias, o Exmo. e Rev. Sr. Bispo de Vitoria, em Circular de número 195, datada de 10 de Junho de 1934 – reiterando as censuras que em ocasiões anteriores havia dirigido por causa de tal estado de coisas -, recomendava o início de “*vigorosas campanhas em prol da moralidade que deve reinar nos locais mais freqüentados de veraneio*” (praias, cachoeiras, piscinas, etc.).

A Associação Católica de Pais de Família de Vizcaya, atenta à voz de seu Prelado, encomendou ao R. Pe. JOSÉ ANTONIO DE LABURU, S.J., uma conferência com tal objetivo, que com grande êxito de público se realizou no Teatro Arriaga de Bilbao, no dia 27 de Junho último. E com o fim de que tão autorizada palavra se espalhe, continuando a campanha empreendida até os mais remotos lugares, vem à luz esta conferência.

Bilbao, Julho de 1934

## **I – Fundamentação Geral**

**PRIMEIRAMENTE**, para se entender o tema da moralidade nas praias é preciso que se reconheça a existência da prática da nudez neste ambiente.

**Em segundo lugar**, como a existência das leis naturais não depende de que nós a pensemos, nem está sob nossa decisão a possibilidade de impedir seus efeitos, tampouco depende de nós que elas existam ou não, que deixem ou não de efetivar as leis psicológicas: pense ou não pense, queira ou não queira, se eu solto este objeto que tenho em minha mão, irremediavelmente ele cai direto ao solo, pela mesma razão de que a atuação da gravidade não depende do meu subjetivismo, mas é uma lei objetiva e natural, intrínseca aos corpos pesados.(3)

Do mesmo modo, pensasse ou não pensasse, quisesse ou não quisesse, se a nudez põe-se diante dos olhos, irremediavelmente saltará na pessoa que a veja, e mais ainda em quem a contemple, o ímpeto da paixão que a desencadeia.(4)

**a) Deus Nosso Senhor pôs estímulos psicossomáticos para assegurar a existência do gênero humano.**

No plano da Providência, Deus determinou que os homens viessem ao mundo por via da geração (procriação). E como gerar homens – e não bestas – não é um processo meramente fisiológico como no caso dos animais, mas que compreende todo o problema da educação integral do ser da pessoa gerada, e essa educação, com todos os cuidados a ela inerentes e os problemas de atender ao cuidado e conservação da prole, são verdadeiras cargas e estão cheios de preocupações e trabalhos, Deus pôs seus atrativos naturais dotando o homem e a mulher de meios psíquicos e fisiológicos peculiares e específicos para que com eles mais facilmente aceitem o plano divino de serem procriadores e educadores de homens – que elevados a ordem sobrenatural, sejam um dia moradores do Céu, por o haverem herdado legitimamente, guardando e conservando a filiação divina, enxertada no Batismo, e devolvida, se a perderam, no Sacramento da Penitência.

Para obter este fim, tão nobre e santo, Deus dispôs **na mútua atração do homem e da mulher** a existência e o uso dos estímulos psicossomáticos.

E fora do matrimônio legítimo, usar ou aceitar os aliciantes da procriação é violar gravemente a lei expressa por Deus e é também deslocar o plano do Criador.

**Além dos dois pontos acima referidos, salientemos um terceiro:** o estado afetivo peculiar (da atração entre os sexos) com a subsequente tendência que produzem as sensações desses estímulos psíquico-fisiológicos, são fenômenos naturais.

Senti-las, sem dar atenção e consentimento ao sentimento, não constitui falta moral. Mas, procurar o sentimento e consentir nele, ainda que tenha surgido involuntariamente, é contra o desígnio expresso por Deus, que somente o dispôs para o fim já indicado – que vem a ser o da procriação dentro do matrimônio.

**Ainda um quarto elemento:** como estes estímulos são de ordem sensitiva, as tendências sensitivas do homem se lançam a eles antes que o psiquismo superior (intelectivo e volitivo) venha e determine se os deve aceitar ou rechaçar.

E a parte sensitiva não somente precede a intelectivo-volitiva, mas que atrai e cativa a vontade, reforçando com enormes cargas afetivas os atrativos dos estímulos psíquico-fisiológicos ordenados por Deus aos altos fins da perpetuação da vida humana.

**Pela parte sensitiva, tende o homem, com força de fera, com faíscas de desejos, ao gozo destes estímulos.**

**Mas, pela parte racional e da Fé, esse mesmo homem conhece e sabe que não pode tender a estes estímulos nem gozar deles fora do plano divino.**

**E em um mesmo “Eu”, por radicar nele estas duas faculdades sensitivo-afetivas e intelectivo-volitivas, se sente o antagonismo da luta destas duas tendências.**

Não está em nossas mãos e em nosso subjetivismo transformar e mudar a constituição essencial do homem.

**b) O homem tem faculdades sensitivo-afetivas e intelectivo-volitivas.**

E, fora do mesmo subjetivismo do homem, existem estímulos independentes de seu querer, que, uma vez que se teve a sensação deles, desencadeiam as subsequentes cargas afetivas com as tendências a que elas dão lugar.

E como estas tendências e cargas afetivas não de mover-se dentro dos casos assinalados pelo plano divino, de nenhum modo é lícito a livre admissão e utilização delas, e por isto se deve procurar a eliminação das sensações que, voluntariamente e indevidamente, são causa destas mesmas tendências. E como

essas sensações seguem indefectíveis como efeito ou causa dos estímulos psíquico-fisiológicos que as provoca, há que evitar que esses estímulos atuem indevidamente em nossa consciência.

**Agora vemos que, entre os estímulos de que viemos falando, o de eficácia mais geral é o da nudez: e nada pode negar que seja precisamente o dominante nas praias de hoje.**

Estímulo, o da nudez, que naturalmente desencadeia com toda potência o curso de enormes cargas afetivas e de tendências tempestuosas, que de nenhum modo é lícito ao homem e mais ainda ao cristão, nem despertá-las nem consenti-las.

Na praia há gente que, apenas por estar nela, vê e contempla a nudez.

Que dizer da moralidade destas duas realidades, claramente inegáveis, nas praias de hoje?

Haverá quem se atreva a negar que na praia, tal como a comentamos, os estímulos passionais se transbordem em atividade luxuriante e violem, portanto fortemente os altos fins da divina Providência?

### **Fim da Primeira Parte**

\*\*\*

### **Comentário Inicial do Apostolado Maria Santíssima e Modéstia**

Nesta segunda parte, o Pe. Laburu tratará do problema a partir do texto do Novo Testamento, enfatizando nas palavras que Nosso Senhor disse sobre o escândalo e o pecado.

O argumento principal deste trecho é: mostrar-se despido à outras pessoas é escândalo e também contra a caridade; e, de tal maneira Nosso Senhor reprovava o escândalo que usou palavras fortíssimas ao se referir a este ato. Ele, sempre tão manso e paciente com os pecadores, nesta hora bradava com voz de trovão: ai daquele que causou o escândalo!

Que a leitora possa meditar sobre o assunto e tirar resoluções práticas, agradando a Nossa Senhora, que tanto sofre com os pecados cometidos contra Seu Divino Filho.

\*\*\*

### **As Praias em Seu Aspecto Moral\***

*Por Pe. Laburu, S.J.*

Conferência pronunciada em San Sebastian e em Bilbao

## II – Fundamento em Nosso Senhor

Que bom foi Nosso Senhor Jesus Cristo com os pecadores arrependidos!

Perdoou a adúltera arrependida; perdoou Madalena arrependida e saiu em público em sua defesa; perdoou ao ladrão – que, momentos antes, blasfemava dEle – quando balbuciou arrependido nas agonias da morte: “Senhor, lembra-te de mim quanto estiveres no teu Reino”.

Esplendido Jesus Cristo ao perdoar, e Ele deu a razão disto: “não vim para chamar os justos, mas os pecadores”.

Por isso contrasta mais com esta amabilidade de Nosso Senhor ouvir de sua boca divina: “*necesse est ut veniant scandala*” (é necessário que venham escândalos). “Ai do mundo por causa dos escândalos! Porque se bem é forçoso (devido à malícia dos homens) que haja escândalos, sem embargo, ai daquele homem que causou o escândalo!”

Já sabe Ele que há de ter escândalos no mundo, isto não é uma novidade... mas “*veruntament vae homini elli per quem scandalum venit*”! (ai daquele por quem vem o escândalo!) “*Expedit ei...*” (Ai daquele!) A este tal, disse Nosso Senhor que lhe era mais conveniente que com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço se atirasse no fundo do mar (Mt. XVIII, 7; semelhante: Lc. XVII, 2).

### **Como caem estas palavras, tremendas como raios, sobre os despídos da Praia!**

Escândalo é sinônimo de tropeço, de obstáculo, que a outro se põe no caminho, no qual ao tropeçar lhe ocasiona a queda.

**Escândalo**, se define em Moral, “**é uma ação ou omissão que proporciona ao próximo ocasião de pecar**”.

A caridade manda remover e afastar todo mal do próximo.

Por isto **o que escandaliza, peca contra a virtude da caridade**, a virtude distintiva que Nosso Senhor Jesus Cristo deu aos seus discípulos.

Por que o que escandaliza, não só não remove e afasta do próximo todo mal, mas lhe põe em frente ao tropeço para cair no maior mal, que é o pecado.

Bem se compreende agora o porque das terríveis frases de Nosso Senhor contra o que escandaliza.

Ele veio comunicar aos homens a vida sobrenatural; veio salvar ao gênero humano que havia perdido esta graça divina (Mt. XVIII, 11).

A custa de sua vida cheia de humilhações e de trabalho, e a custa de seu sangue vertido nos tormentos atrozes da morte num Patíbulo, Nosso Senhor redime a todos e a cada um dos nascidos de mulher.

E que venham depois este homem e esta mulher – por quem Nosso Senhor morreu na cruz -, e, por causa de sua sensualidade e seus caprichos, e por causa de sua comodidade e por não querer ser diferentes dos demais, sejam ocasião de tropeço para que os que os vejam, pequem e se condenem.

Bem se compreende agora a frase de Nosso Senhor Jesus Cristo: “... Ihe era mais conveniente que com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço se atirasse no fundo do mar”.

### **Quanto tropeço, quanta ocasião de pecar se põe na praia, por causa da nudez!**

#### **Que anátemas de Nosso Senhor cairão sobre todos que dêem esta ocasião de pecado!**

Ele, o que disse “*si manus tua scandalizat te*” (se tua mão te escandaliza...)... “Se tua mão ou teu pé são ocasião de escândalo (ou de pecado), corta-os e lança-os de ti; pois mais te vale entrar na vida (eterna) manco ou coxo, que com duas mãos ou dois pés ser precipitado ao fogo eterno; e se teu olho é para ti ocasião de escândalo, pega-o e lança-o longe de ti; melhor para ti é entrar na vida (eterna) com apenas um olho, do que ter dois olhos e ser atirado ao fogo do inferno”. (Mt. XVIII, 6-9); **que não dirá da nudez na praia?**

Se até mesmo a mão, o pé, o olho, partes integrantes e tão úteis do nosso ser, se nos são tropeço para pecar, disse Jesus Cristo que as arranquemos e lancemos longe de nós, indicando assim a diligência e a energia com que temos que cortar e precaver a ocasião de pecar, **que dirá Nosso Senhor da nudez e das provocações que, nem sequer são integrantes do viver humano, nem são necessários?**

Nestas frases Nosso Senhor está indicando com que integridade e prontidão temos de reprimir a ocasião de pecado – o escândalo.

Com que ênfase fala Nosso Senhor, e como quer inculcar-nos o horror ao pecado de escândalo, quando com imperativos repetidos e categóricos nos manda não somente cortar e arrancar, mas ainda lançar longe de nós os membros utilíssimos e integrantes de nosso ser, se nos são ocasião de pecado.

Porque como na conservação da vida humana, deixamos que nos cortem e amputem os membros gangrenados ou enfermos que a ponham em perigo, a troco de conservá-la, com razão infinitamente maior temos de amputar e cortar as ações de nossa vida, que ponham em perigo a felicidade da vida eterna.

**FIM DA SEGUNDA PARTE**

## Comentário Inicial do

### Apostolado Maria Santíssima e Modéstia

Nesta terceira seção da conferência, o Pe. Laburu abordará a questão sob três aspectos:

1. A campanha sistemática em prol de costumes imorais, visando ao nudismo;
2. O pecado de escândalo e suas consequências;
3. O ideal a que devemos almejar, de acordo com o apóstolo São Paulo.

Faremos um breve comentário sobre o primeiro aspecto. Como os dois outros pontos tratam de matéria mais comumente encontrada em livros de teologia moral, estão desenvolvidos de maneira que não nos parece necessário tecer comentários...

#### **1. A campanha sistemática em prol de costumes imorais, visando ao nudismo**

Dom Duolindo Ruotolo – padre italiano – contou que, na década de 30 na Espanha, quando os comunistas começaram sua campanha de descristianização e destruição da sociedade, o primeiro passo que deram foi o de contratar mulheres de vida imoral para que ficassem passeando nos centros mais importantes das cidades com roupas indecentes.(1) O intuito era o mesmo proposto por Lenin aos comunistas russos: “Se queremos destruir uma nação, devemos primeiramente destruir a moral; depois disto, ela cairá em nosso colo como um fruto maduro. Despertem o interesse da juventude pelo sexo e ela será vossa”.(2)

E, de lá para cá, este método não mudou, mas tem se tornado cada vez mais agressivo e sofisticado: na década de 30 era evidente para todos que aquelas mulheres eram pessoas de má vida, e que os homens que se deixassem seduzir por elas estariam sendo arrastados para o abismo moral. Atualmente estas mesmas mulheres estão nas capas de revistas, nos filmes de hollywood, nas novelas da tv, sendo apontadas como o ideal que a mulher comum deve almejar: e, nas casas de família, é o que infelizmente se vê. Quem nunca viu as moças encegueiradas querendo copiar o corte de cabelo das personagens, o modo de vestir e – o que é pior! – o comportamento? Mas, como os valores puderam se inverter de tal modo, a ponto de as piores mulheres serem vistas como um modelo a imitar, enquanto as senhoras de vida honesta são ridicularizadas?

O objetivo desta campanha continua o mesmo: arrancar a religião do coração dos homens e das mulheres, pois – como dizia o padre Leonel Franca – quanto mais a sensualidade vai ganhando espaço na alma do indivíduo, mais hostil e indiferente à religião ele vai se tornando.(3) Este é o princípio da contradição, como ensina Santo Tomás de Aquino, “um mesmo ser não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo ponto de vista”: em termos mais simples, uma pessoa íntegra não pode ser ao mesmo tempo uma pessoa imoral, assim como uma pessoa imoral não pode ser ao mesmo tempo íntegra. Quando a imoralidade chega, arrasa a religiosidade – sendo o contrário também verdadeiro.(4)

O professor Plínio Corrêa de Oliveira, em artigo da Revista Catolicismo, diz que esta campanha em prol da imoralidade se utiliza do princípio da gradualidade. Eis como ele explica este princípio:

“Trata-se do princípio que chamaríamos de ‘gradualidade’. A corrupção, em sua longa marcha vitoriosa, não fez saltos. Pelo contrário, soube progredir por etapas tão insensíveis que ninguém, ao longo da trajetória, prestava atenção ao deslizar das idéias, dos costumes e das modas. E com isso o caminho percorrido docilmente pela humanidade foi imenso”.(5)

A sra. Collen Hammond, no livro “Dressing with Dignity” (Vestindo-se com dignidade), trouxe uma citação retirada da Revista Internacional da Maçonaria de 1928, que confirma como o intuito era o de caminhar lentamente para destruir a moral, de modo que não houvesse reação às mudanças nos estilos da moda. Eis o trecho:

*“A religião não teme a ponta da adaga, mas pode desaparecer sob a corrupção. Não vamos nos cansar de corrupção: nós podemos usar um pretexto, como o esporte, a higiene, os recursos da saúde. É necessário corromper, que nossos meninos e meninas pratiquem o nudismo no vestir. Para evitar muita reação, deve-se avançar de forma metódica: despir-se, em primeiro lugar até o cotovelo e, depois, até os joelhos, depois braços e pernas completamente a descoberto, mais tarde, a parte superior do tórax, ombros, etc., etc.” (6)*

\*\*\*

### *As Praias em Seu Aspecto Moral\**

*Por Pe. Laburu, S.J.*

Conferência pronunciada em San Sebastian e em Bilbao

### **III – Fundamento pela Teologia Moral**

Todo este escândalo da nudez, assim planejado por aqueles que conhecem a realidade da psicologia humana, tem sido imposto ao mundo com a idéia calculada de arrancar o pudor, fomentando o desencadeamento da sensualidade.

A nudez está bem idealizada (e planejada), em todas as suas formas e variedades, por aqueles que só pretendem a perversão dos costumes e a implantação social de idéias e normas de conduta diametralmente opostas ao conteúdo doutrinal e moral dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Está bem idealizada a nudez por quem, atijando com o fogo da paixão sexual, quer implantar no mundo um regime de vida de paganismo e um retrocesso à animalidade, para separar-nos da lei do Evangelho.

Os que com estas metas têm implantado a nudez no mundo são os que diretamente intentam que os homens e as mulheres tropecem na nudez, e assim

caiam no impudor, na sensualidade desenfreada, na animalidade do prazer, no paganismo da vida, na perversão dos costumes, com o desprezo prático e ideológico da moral de Nosso Senhor, e com o abandono das práticas da vida cristã.

Este é o pecado que tem a denominação na Teologia Moral de “pecado diabólico”, pela intenção demoníaca que encerra de induzir ao pecado e de varrer do mundo a doutrina moral de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o pecado “maximum et horrendum”, o pecado máximo e horrendo.

Dessas fontes nasce o pecado de escândalo, fontes ocultas, calculadas, e que contam para chegar ao seu fim, com o conhecimento da psicologia das paixões e com as inclinações veementíssimas da sensualidade humana.

Estas são as fontes da nudez, ocultas e para muitos desconhecidas.

Mas, elas têm uma exibição patente e explícita no comportamento de tanta gente que não pretende – ao menos é o que dizem – induzir ao pecado com a sua nudez, mas tampouco cuidam de precaver os perigos morais que essa sua nudez pode causar nos próximos.

Esta gente sabe, como nenhum homem – nem muito menos cristão(!) – pode ignorar, que a nudez é para os outros que a vêem, estímulo de cargas afetivas e de desencadeamento de tendências, que, por seu ímpeto e por sua lubricidade, são grave tropeço para guardar a lei de Deus na matéria da Castidade; e apesar disto, exibem seu nudismo sem atender à suas conseqüências.

E se exibem, não como o enfermo que com justa causa se põe ante o reconhecimento do médico, mas porque a moda de hoje – e também porque não querem destoar dos demais -, a comodidade, o prazer e o gozo mais refinado, lhe incitam a seguir essa onda nudista e a não refrearem o desejo de gozar.

Preferem (eles e elas) seu gozo e sua diversão ao mal espiritual do próximo – e seu próprio – que deriva do nudismo, apenas para não parecer destoar da moda em voga nas praias.

Como a ressoar, ante esta conduta, as tremendas ameaças e frases condenatórias de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A este tal – ao que a troco de seguir a corrente da moda e de não regatear-se o prazer, exhibe seu nudismo nas praias -, “expedit ei...”, lhe era muito mais conveniente do que ter esta conduta tomar uma pedra de moinho, amarrar ao pescoço e jogar-se no fundo do mar...

A diligência e a energia, a prontidão e perfeição, com que Nosso Senhor quer que afastemos o pecado de escândalo – ao repetir com empenho enfático que, mesmo a mão, o pé, o olho, os arranquemos e lancemos longe, antes que nos sejam tropeço ao pecado – está reproduzido na moral cristã, quando nela se ensina que mesmo as ações que em si mesmas não sejam indutoras ao pecado, mas que ao próximo possam servir de tropeço por sua ignorância, temos

obrigação de suprimir, com exceção se tratar-se de preceito, ou se esta supressão causar para nós grave inconveniente.

Entre os judeus recém-convertidos ao Cristianismo em Roma, havia quem cresse que não se podia comer das carnes dos animais sacrificados aos ídolos, e que depois eram vendidas nos açougues públicos, e nem se podia beber do vinho cujas primícias se haviam oferecido em honra aos ídolos.

A estes cristãos, com consciência errônea, o apóstolo São Paulo os chama “ifirmi”, isto é, “débeis” e mal formados na fé.

Porque esses alimentos que os enfermos e débeis na Fé acreditavam ser ilícitos e proibidos, na verdade não eram.

E porque não eram alimentos ilícitos e proibidos, os cristãos retamente instruídos comiam e bebiam deles.

Mas esta conduta dos cristãos instruídos era tropeço e escândalo aos cristãos não bem-formados em sua fé, porque ou diminuía neles o crédito na fé que professavam, ao ver que seus irmãos em Religião usavam dos alimentos que eles acreditavam ser proibidos, e com isto perigava sua fé; ou lhes punha em perigo de pecar se com má consciência comiam eles também o que conceituavam proibido.

São Paulo determina então a conduta que deviam seguir os cristãos retamente instruídos, e lhes diz:

Podeis comer dos alimentos, absolutamente, pois a lei evangélica não proíbe de comê-los. Mas, como há irmãos vossos, que ao vos ver comer desses alimentos – ainda que por falta de verdadeira instrução –, perigam na sua fé, ou os comem contra sua consciência, e portanto pecam, podeis comê-los se quiser quando estiveres só, e não os escandalizeis.

Mas em público, e ante vossos irmãos “débeis”, não os comais: (Rm. XIV, 15) “noli cibo tuo illum perder pro quo Christus mortuus est” (não faças perecer por causa do teu alimento alguém pelo qual Cristo morreu!) porque “se pelo que comes, teu irmão se contrista e se escandaliza, tu já não procede conforme é a caridade. Não queira por causa de teu alimento perder aquele por quem Cristo morreu.”

A troca de não ser tropeço a seu irmão, não queiras comer e beber do que não podes.

E para confirmar esta regra São Paulo se baseia num grande estímulo e poderosíssima razão, para todo verdadeiro cristão: CRISTO deu a vida por teu irmão; tu, pela vida espiritual e eterna de seus irmãos, deixa de tomar estes alimentos! Cristo, a teu irmão morto deu a vida; tu, não queira remover-lhe essa vida a teu irmão, pelo gosto de comer estes alimentos.

O amor de Cristo é o motivo que São Paulo põe para que não se escandalize aos demais.

Com este estímulo exorta aos de Roma, e com o mesmo argúi aos de Coríntio (I Cor. VIII, 12-13).

“Assim, acontece que, [se eu comer estes alimentos, acabo] pecando contra os irmãos e ferindo sua consciência pouco firme, [e com isto] venha a pecar contra Jesus Cristo. Por isto, se o que eu como escandaliza a meu irmão, não comerei em minha vida carne (alguma) para não escandalizar a meu irmão”. Esta é a conduta e os conselhos de São Paulo.

Jesus Cristo disse expressamente, que o que se fizesse por um de seus pequeninos Ele tomava como se tivesse sido feito a Ele mesmo. (Mt, XXV, 40)

Por isso, aquele que escandaliza o próximo peca contra Nosso Senhor, porque destrói a obra dEle nas almas que lhe custou seu sangue e sua vida.

Por isso São Paulo, como bom Mestre, não somente ensinava, mas ia à frente com o exemplo: a troca de não escandalizar a seus irmãos, não é que apenas deixe de comer da carne sacrificada aos ídolos, mas que em absoluto jure abster-se de comer toda carne, e não por um dia nem dois, mas para sempre, com o fim de não ser escândalo a seu irmão, redimido por Nosso Senhor.

Eis o freio poderoso para evitar o escândalo ativo: não fazer nem sequer uma pessoa – redimida por Nosso Senhor – perecer por nossa causa.

Aquele que não perece – e por isso não será desgraçado por toda eternidade -, é o que freia bruscamente aquele escândalo procurado (intencional).

Aquele a quem a Paixão e Morte de Nosso Senhor não são estéreis, vendo perecerem as almas redimidas a custa de tanto sofrimento do Homem-Deus, tem aí o motivo eficaz para evitar tanto dar escândalo, como ir procurá-lo.

E no caso da nudez na praia, essas são as únicas razões e os únicos freios para não exhibir esta nudez e para não vê-la nem contemplá-la.